

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

Propostas metodológicas para utilizar o cinema no ensino de história *

FABIANE MARIA DE OLIVEIRA CHAGAS**

RENATA MIRANDA DOS ANJOS

ROSANA MOURA SERRA DA GAMA

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende provocar uma reflexão acerca do cinema no ensino de história, uma vez que o cinema se faz presente no cotidiano de praticamente todas as sociedades que compõem hoje este mundo globalizado, é através dele que muitos indivíduos têm acesso à história nacional e mundial. A história e o cinema sempre “caminharam juntos” depois que este último surgiu, a tal ponto que se criou e consagrou o filme histórico, que atrai multidões até o cinema, para ver representadas através de imagens e sons representações de sociedades passadas, é como se pudéssemos através do filme trazer o passado até nós, através de cenas que nos emocionam, dando tédio, raiva, tristeza e alegria quando olhamos a história da humanidade apresentada pelo cinema.

Por esse fator, faz-se necessário que os docentes estejam capacitados para utilizar a linguagem cinematográfica na sala de aula, uma vez que ela tem o “poder” de aproximar o passado dos discentes através de seus cenários, diálogos, figurinos, ou seja, dos signos que a compõem o que torna essencial que seu conteúdo seja abordado no âmbito escolar, mas não de forma isolada, pois a narrativa fílmica não é um conteúdo pronto e acabado, sendo assim devem-se utilizar outros recursos para complementar o filme, e analisá-lo de forma crítica, o professor como mediador deve auxiliar na construção de conhecimento dos seus alunos. Nosso foco, portanto é apresentar aos docentes sugestões metodológicas visando nortear a utilização da linguagem cinematográfica no ensino de história, uma vez que este recurso não é apenas um instrumento didático é também uma importante fonte histórica acerca da sociedade que produziu o filme.

* Este artigo é o resultado de pesquisas sobre a relação cinema e história utilizados na construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de História da UNIFAP.

** Graduandas do curso de Licenciatura em História da UNIFAP.

COMO USAR O CINEMA NO ENSINO DE HISTÓRIA (EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS E LETRAMENTO MIDIÁTICO)

A Declaração de Grunwald, publicada em 1982 durante o primeiro Simpósio Internacional de Educação Midiática da Unesco, já expressava a necessidade da compreensão de que as mídias tornaram-se onipresentes no mundo moderno e da implementação de políticas e sistemas educacionais capazes de promover nos cidadãos o entendimento crítico dos fenômenos da comunicação social, por intermédio da educação sistemática para as mídias, ou seja, o desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente os meios, reconhecendo seu impacto social e cultural (MOCELLIN, 2009, p. 33).

Com a descentralização da escola como principal agente disseminador de conhecimento e o crescente valor que os meios de comunicação em massa adquiriram durante o século XX, tornando-se presentes em praticamente todos os setores da sociedade, a educação para as mídias ou mais recentemente o letramento midiático passou a fazer parte das discussões de educadores dos países desenvolvidos e a estimular a criação de novas políticas públicas de educação em vários deles. Porém, no Brasil a própria UNESCO parece alheia à complexidade do conceito de educação para as mídias definido há 25 anos, apenas encaminhando a discussão para o uso adequado das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Segundo Renato Mocellin (2009), a prova disso é que ao se fazer uma busca com as palavras-chave “educação para as mídias” e também “letramento midiático” no site brasileiro da UNESCO, não se obtém um artigo sequer que indique esforço brasileiro no sentido de incluir a capacitação para a análise crítica dos meios no currículo de formação de professores ou de alunos no país, enquanto o site internacional do órgão retorna mais de cem artigos com as palavras-chave “media education” e “media literacy”. No Brasil, o tema restringe-se ao domínio do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na educação, ou seja, ao domínio das tecnologias e seu uso em sala de aula sem uma maior preparação para o seu entendimento que é complexo e extremamente determinante na formação dos alunos e dos cidadãos de um país.

Para Ismar de Oliveira Soares (1999), coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, o sistema brasileiro ainda não integrou, de forma definitiva e adequada, a educação para os meios em suas metas e em suas práticas. Pois, a

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

3

educação para as mídias requer, necessariamente, a análise das relações entre os meios de comunicação, a cultura popular e o controle social por meio da manipulação ideológica. Apesar da defasagem da educação brasileira nesse campo, o debate sobre a urgente precisão do letramento midiático por meio de uma alfabetização crítica da mídia é extremamente necessário.

O letramento midiático, por sua vez, é uma expansão do conceito de letramento: se este envolve muito mais que a simples alfabetização – que é somente uma prática de aquisição de códigos – o conceito de media literacy envolve não somente o acesso às mídias e o entendimento de seus códigos, mas, principalmente, a capacidade de analisar e avaliar criticamente as mensagens transmitidas em tudo que vemos, ouvimos e assistimos (MOCCELLIN, 2009, p.35).

Estamos em uma época em que os professores passaram a dispor de vários recursos audiovisuais, sem saber, porém, como utilizá-los, muito deles tiveram uma formação universitária baseada em um ensino livresco e sisudo, por isso, é natural que muitos tenham dificuldades em aceitar e utilizar essas novas tecnologias, observa-se que muitos a descartam, enquanto outros, na ânsia de inovar as utilizam de maneira aleatória, às vezes exaustiva e sem criticidade, mostrando um deslumbramento ingênuo, associando o uso apenas da modernidade tecnológica à qualidade de ensino.

Nos dias atuais, é imprescindível que o professor saiba utilizar esses recursos em suas aulas, como o filme, não apenas para incrementar sua didática utilizando-o como ilustrações de aulas e conteúdos, logicamente que não se pretende que ele torne-se um crítico de cinema, mas sim que ele explore as várias possibilidades de ensino que o cinema oferece. A utilização do cinema pode ajudar a escola a reencontrar a cultura cotidiana e elevada, pois é um campo que trabalha a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos em uma só obra. Por tanto todos os filmes desde os mais descomprometidos aos mais complexos têm alguma oportunidade para o trabalho escolar.

Longe de tratar o cinema apenas como mais um recurso didático-pedagógico, entretanto, a escola precisa assimilar a ideia de que a educação e o cinema são formas similares de socialização: há um paralelo entre as relações construídas por alunos e professores e as relações construídas entre espectadores e filmes. Nesse sentido, o professor de História de certa forma “concorre” com aquilo que o aluno aprende no cinema e em outras mídias – inclusive TV e internet – que constituem um poderoso meio de influência (MOCCELLIN, 2009, p. 11).

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

4

Faz-se necessário que o professor tenha sempre em mente as seguintes questões: qual o uso possível para o filme selecionado? Qual a cultura cinematográfica dos alunos? Para qual faixa etária e também escolar o filme escolhido é mais adequado? Como o filme será trabalhado dentro da disciplina de História ou em um trabalho interdisciplinar? Tenho o material (televisão; data show, DVD, vídeo, etc...) apropriado e em boa condição para a apresentação do filme para os alunos? Tenho o tempo de aula necessário? Tenho o espaço físico adequado? (tamanho, iluminação, barulho, etc...).

Enfim, um planejamento cuidadoso é extremamente indispensável. No entanto só com a prática, ou seja, através de várias experiências o professor vai poder encontrar a melhor maneira de se trabalhar o cinema no ensino de História, pois cada aluno; turma; assunto e até momento, são distintos e devem ser avaliados cautelosamente. “Não há fórmula mágica nem receita teórica que substituam a reflexão e a perspicácia do professor em relação aos seus alunos”. (NAPOLITANO, 2011, p. 21)

O cinema possui várias dimensões, ele faz parte da comunicação e da cultura de massa, da indústria do lazer e ainda constitui-se como obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada, o professor não pode esquecer-se disso, quando trabalhar com filmes com seus alunos. A história é considerada uma das disciplinas mais calhadas à atividade com cinema, o chamado filme histórico é um dos gêneros mais consagrados na história do cinema mundial, mas o professor precisa ter ciência que esse tipo de produção costuma dizer bem mais da sociedade contemporânea que a produz do que sobre o passado nele representado instruindo seus alunos a perceberem isso.

O professor tem que deixar claro para os seus alunos que cinema vai ser sempre ficção e não uma verdade incontestável e completa. Do contrário pode cair em duas armadilhas, a do efeito de super-representação filmica (o que é visto no filme é assimilado como verdade absoluta) “O cinema é sempre ficção, ficção engendrada pela verdade da câmera (...). O filme é um tempo presente, seu tempo é o tempo da projeção” (ALMEIDA, 2001, p.40). E o mais recorrente percalço, o anacronismo que deve ser trabalhado com muito cuidado também.

Questões como mentalidade, onde o professor precisa explicar aos seus alunos que ideias, conceitos e preconceitos atuais são transpostos para uma época diferente da atual, por isso, os valores e as visões de mundo da época estudada deve ser coerente ao conteúdo abordado em sala de aula, o professor ao transmitir o conhecimento histórico aos seus alunos

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

5

necessita precaver-se dessa falha. Dessa forma quando ocorrerem distorções na representação fílmica sobre a época e sociedade em questão o professor deve problematizá-las com seus alunos.

Dessa forma, o professor vai atuar como mediador, não apenas preparando a turma antes do filme, sendo uma ponte entre a obra e os alunos, mas propondo também desdobramentos articulados a outras atividades, fontes e temas, possibilitando assim um diálogo saudável entre a linguagem cinematográfica e o ensino de história.

A diferença é que a escola tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio. (Napolitano, 2011, p.15).

É imperativo o professor libertar-se do pensamento comum de que o uso do cinema por si só, é uma forma divertida de ensinar e motiva os alunos desinteressados para os estudos, pode até acontecer que em um primeiro momento o aluno se empolgue com uma abordagem diferenciada, porém se a mesma não for realizada com um planejamento cuidadoso pelo professor pode se tornar apenas um momento de descontração ou tédio e não verdadeiramente uma aula. Por isso o professor deve procurar inserir o filme dentro do planejamento geral do seu curso, ater-se nos fatores que implicam no desenvolvimento das atividades, como as possibilidades organizativas e técnicas na exibição de um filme; articulação com o currículo/conteúdo trabalhado; com as habilidades desejadas com atividade a ser praticada; adaptação à faixa etária e etapa escolar específica da turma na relação ensino-aprendizagem.

PLANEJAMENTOS DAS ATIVIDADES COM FILME

É preciso sair do lugar comum de planejar a exibição dos filmes sem estarem articulados entre si ou apenas articulados ao conteúdo programático da disciplina. É indispensável um planejamento coeso e metódico, articulando os filmes entre si, obedecendo aos interesses da disciplina de História e preocupando-se com a cultura geral e audiovisual da turma e o espaço que a película ocupa na história e linguagem cinematográfica.

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

6

Antes do trabalho com filmes em suas aulas o professor deve informa-se sobre a história do cinema; linguagem cinematográfica e os principais estilos e escolas cinematográficas, desta forma o trabalho será otimizado, acrescentando qualidade ao seu trabalho. Uma expressiva parte dos valores e das mensagens transmitidas pelos filmes se efetiva não tanto pela história contada em si, mas pela forma de contá-la, existem informações sutis e subliminares que imprimem ideologias e valores de tal maneira quanto à trama e os diálogos explícitos, o professor deve estar preparado.

O papel do professor é, portanto, pedagógico-político: exige que este possa apontar para as relações de dominação que estão presentes em todas as esferas da sociedade, inclusive nos meios de comunicação de massa (...) se todo conhecimento é poder, como propôs Gramsci, munir os alunos de conhecimentos suficientes para entender como a ideologia é manipulada, inclusive pelo Estado, através dos meios de comunicação, é também dar à sociedade o poder de entender e mudar as estruturas sociais, a cultura e as relações socioculturais (MOCELLIN, 2009, p.12-32)

O professor pode contribuir para diversificação da cultura audiovisual ao trabalhar com filmes de origens, época e linguagens diversas, por isso é importante o professor procurar se informar onde localizar os mais diversos filmes, documentários e grandes clássicos. Orientando seus alunos a como ter acesso, buscando aproximá-los aos meios cinematográficos de sua cidade como ao Museu de Imagem e Som. A cultura ocidental é fortemente imposta nas obras cinematográficas, é importante que o professor procure salientar para seus alunos que não existe cultura superior nem inferior e sim culturas diferentes. As pessoas têm a ilusão e isso acontece principalmente nos filmes históricos, de que a história contada no filme é totalmente verdadeira, o professor deve com seus alunos, através de um estudo crítico da história, desconstruir essas certezas.

O cinema, principalmente hollywoodiano – objeto das críticas de Adorno e Horkheimer – constitui um poderoso meio de propagação ideológica e de instituição de “senso comum” que caracteriza a noção de hegemonia de Gramsci. Como qualquer meio de comunicação de massa, rivaliza com a escola como influência cultural, não em pé de igualdade, mas fazendo parte do tempo de lazer do aluno. (MOCELLIN, 2009, p. 32).

O cinema pode colaborar bastante para o processo de ensino e os estudos da disciplina de História, porém, o professor não deve abdicar jamais da leitura de obras de historiadores profissionais e da pesquisa, a construção do conhecimento se faz através de diversificados métodos e recursos, é ingenuidade pensar que apenas com a visualização de um

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

7

filme o aluno estará apto para compreender o assunto e discuti-lo. Porém sua utilização crítica é de grande relevância no processo de ensino/aprendizagem, além de sua inserção ser necessária no âmbito escolar. Pois, o aluno precisa ser introduzido na leitura das diversas fontes de informação, para que paulatinamente consiga autonomia intelectual e crítica.

O FILME COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA

Segundo Abud (2003), há uma facilidade dos alunos reterem dados através da audição e visão sendo estes responsáveis por cerca de 50% do que é assimilado, uma vez que “o jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender: Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo”. (MORAN, 1995, p. 29).

Como se pode observar empregar o filme como recurso didático não é simples como muitos acreditam, são múltiplos os desafios que o professor transpõe nos procedimentos pedagógicos, desafios estes que vão além da sua formação acadêmica, atualmente o professor possui como principal desafio reaprender a aprender, seja através de pesquisas; de cursos de aperfeiçoamento; de subsídios bibliográficos que incorporem tanto a narrativa fílmica quanto seus elementos de performance, bem como de propostas sistematizadas que o orientem na utilização desse recurso didático.

Para Jairo Nascimento (2008) o procedimento metodológico se sintetiza em dois momentos: a preparação e a execução, ambos perfazem as seis etapas a serem percorridos pelo docente. São elas:

- a) Ver o filme – o educador precisa assistir ao filme no mínimo duas vezes antes de exibí-lo, exercendo um olhar analítico na história e nos elementos fílmicos que o compõem.
- b) Organizar e redigir o plano de aula; “o planejamento é alma de uma boa aula” (NASCIMENTO, 2008, p.14). Nessa fase, serão definidos os objetivos da aula, os temas para discussão, se a obra seria exibida na íntegra ou por recortes e ainda os critérios metodológicos e avaliativos.
- c) Antes da exibição cinematográfica – Ao introduzir o filme o professor deve comentar somente os aspectos gerais da obra, tais como diretor, prêmios, o contexto histórico em que a obra se passa. O educador deve se fiscalizar para não criticar a obra, prejudgando-a, possibilitando o educando a fazer sua própria leitura fílmica sem interferências. É interessante ainda o educador apresentar seu plano de aula aos discentes, entregando cópias

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

8

aos alunos que de forma sintetizada contenham os aspectos gerais da narrativa fílmica bem como os pontos para a discussão e os elementos necessários ao conhecimento do aluno;

d) Durante a exibição - Se focar nas principais cenas, parar a exibição para fazer comentários somente se for necessário, e observar as reações que a obra produz na turma;

e) Depois da exibição – Se o filme for complexo, rever determinadas cenas, trilha sonora, efeitos, diálogos, imagens expressivas, para que a produção cinematográfica seja apreendida pelo educando.

f) Articular o filme à outra fonte - é conveniente que o filme ao ser exibido na sala de aula seja associado a outras linguagens, como uma música, uma foto, um texto didático, um artigo de revista ou jornal, ou mesmo a outro filme, relacionando e comparando interpretações díspares. A obra em hipótese alguma deve ser apresentada isoladamente, pois incorrerá na não produção do conhecimento histórico.

O professor ao integrar essa linguagem em sala de aula, para simplificar seu trabalho pode gravar filmes, documentários, fazer download pela internet de filmes que considere importantes para o processo de ensino-aprendizagem, constituindo um acervo pessoal, bem como comprar e alugar DVD's, expandindo seu conhecimento sobre esse recurso didático e introduzindo seus alunos na linguagem cinematográfica.

Análise fílmica

Aprender a ler a narrativa fílmica é essencial, pois, somente assim poderemos desvendar o significado da imagem, do som, dos planos, dos enquadramentos, enfim, dos múltiplos elementos e sutilezas que fazem parte do cinema, constituindo vínculos com outras narrativas sejam elas fílmicas ou não, mas principalmente permite ao espectador a partir de suas experiências, construir suas próprias significações acerca daquilo que lê/ouve/vê. Segundo Vanoye e Goliot – Lété (1994, p.18):

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

9

Espectador Normal	Analista
Passivo, ou melhor, menos ativo do que o analista, ou mais exatamente ainda, ativo de maneira instintiva, irracional.	Ativo, conscientemente ativo, ativo de maneira racional, estruturada.
Percebe, vê e ouve o filme, sem desígnio particular.	Olha, ouve, observa, examina tecnicamente o filme, espreita, procura indícios.
Está submetido ao filme, deixa-se guiar por ele.	Submete o filme a seus instrumentos de análise, e suas hipóteses.
Processo de identificação.	Processo de distanciamento.
Para ele, o filme pertence ao universo do lazer.	Para ele, o filme pertence ao campo da reflexão, da produção intelectual.
→ Prazer	→ Trabalho

Diferente do espectador normal que se torna passivo diante do filme, assistindo-o unicamente por entretenimento, e que se deixa guiar pela produção, o analista se dedica a observar a linguagem cinematográfica, analisando os fatos históricos presentes no filme, fazendo questionamentos como: esses fatos são comprovados pela historiografia oficial? Eles são arquitetados pelo autor? Totalmente? Com que objetivo? O docente deve ser cauteloso em relação a essas questões nessa linguagem ao utiliza-la em sala de aula. Marcos Napolitano propõe que o educando possua um roteiro ou faça pesquisas acerca do filme a ser assistido e seu contexto, a fim de conseguir informações sobre o mesmo. A seguir expomos alguns pontos abordados por Napolitano (2011) que contribuem para uma análise satisfatória da obra. São eles:

a) Biografia e currículo do diretor – O diretor sempre transmite sua marca pessoal, distinguindo por meio dessa marca suas obras. Assim sendo conhecer sua biografia, como: sua formação; suas influências artísticas; sua posição político-ideológica, e os filmes que produziu; contribuem para diminuir as possibilidades de interpretação da obra.

b) Impacto da obra no seu tempo: bilheteria, crítica, prêmios, polêmicas, etc. – revelando informações da sociedade que o produziu e o recebeu, é relevante ter determinadas informações sobre o impacto da obra no momento de estreia, caso contrário podemos perder parte do sentido e da importância das cenas e sequências.

c) Mensagem principal da obra (desenvolvimento do roteiro, conceitos valores culturais e ideológicos) – Normalmente os filmes especialmente aqueles voltados para o mercado cinematográfico procuram limitar ao máximo sua mensagem com técnicas de roteiro

e veiculação de valores, conceitos e preconceitos de toda ordem. Devendo assim o professor estimular debates sobre essa mensagem central que o sistema ou o diretor que produziu a obra quis ater no espectador. Esses argumentos geralmente são de natureza ideológica política, ético ou moral, onde o cinema possui um papel fundamental na transmissão desses conceitos no mundo contemporâneo.

d) Trilha sonora – Os ruídos, a música, e muitos outros efeitos são importantes para reforçar os efeitos causados pelas imagens, e na sequência, todos esses elementos são absorvidos inconscientemente, mas são escolhas conscientes de profissionais que fazem cinema com fins determinados.

e) Figura/imagem – Aqui encontramos a matéria-prima do cinema, a base sobre a qual toda a linguagem fílmica esta estruturada, concomitantemente também é um de seus mais complexos elementos. Nada é fortuito na imagem, ela traz vários significados entrelaçados, que não são perceptíveis em um primeiro olhar. Pierre Sorlin alerta para que não nos sejamos “vítimas daquilo que se vê”. (SORLIN, 1994, p.88)

Peter Burke é enfático ao afirmar que é no contexto social que a imagem obterá a sua significação, contexto esse que será encontrado no lugar físico onde se pretende exibir essa imagem, ressaltando sua história social e cultural. Essas imagens possuem como objetivo persuadir ou influenciar o seu “leitor” a interpretá-las (através do processo de montagem e do discurso adotado) conforme o desejo de seu realizador, fazendo dessa forma com que o espectador se identifique com o herói ou a vítima denotado na imagem fílmica, “colocando o espectador na posição de testemunha ocular do acontecimento representado” (BURKE, 2004. p.205).

Ao realizarmos a análise fílmica em sala de aula, é necessário que o aluno faça algumas anotações no decorrer do filme com a orientação do professor, visto que múltiplos são os detalhes a serem observados. Propomos então que os alunos em grupos ou individualmente se foquem no máximo em dois elementos do filme, para que possam apreciar tanto o filme em sua totalidade quanto em suas particularidades. Se o professor projetar o filme por meio de recortes poderá posteriormente fazer uma nova projeção como se fosse uma releitura da obra. Assim o aluno deixa de ser um espectador ingênuo diante do que vê, e torna-se mais experiente para perceber os elementos do filme. Onde o aluno desenvolve um olhar inquiridor e ouvido atento, estando apto a ler as imagens as lacunas, os sons e os silêncios presentes, o aluno desenvolve uma relação com o cinema e passa a compreendê-lo como arte.

A preocupação do professor deve ser, na medida do possível, fazer uma análise fílmica crítica geral, que observe: os produtores; a produção; o conteúdo. Também deve procurar mostrar como foi construído historicamente aquele discurso. Compará-lo a outros discursos de tradições divergentes. E criar oportunidades para construção de um novo discurso por parte dos estudantes, essa produção pode ser textual, oral, em forma de filme, teatro, ou em debates, etc. Não há um formato específico, o que importa é que os educandos manifestem o que apreenderam como produto e registre seu próprio ponto de vista. (Anais do II Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí, 2011, p. 05)

Dinâmicas Com o Cinema

A seguir apresentamos algumas dinâmicas de análise fílmica:

Leitura em conjunto – O educador como mediador em uma conversa sobre a narrativa fílmica, exibindo as principais cenas e diálogos a partir dos pontos destacados pelos discentes bem como seus questionamentos. O docente deve ser o último a dar a sua opinião.

a) Leitura globalizante – Após a exibição do filme, inquirir os discentes sobre: os aspectos positivos do vídeo; os aspectos negativos e a mensagem principal.

c) Leitura concentrada - Selecionar ao final da exibição cinematográfica, algumas das cenas que se destacam e revê-las, inquirindo aos discentes que pontos se sobressaem na imagem, música, diálogo, efeito enfim, e significados transmitidos pelas cenas.

d) Leitura "funcional" - Diversos alunos se focaram em vários pontos da obra como: palavras-chave; imagens significativas; característica dos personagens; músicas e efeitos cinematográficos; e a modificações que ocorreram na produção cinematográfica. Ao final da exibição do filme esses dados são analisados, completados pelo educador com novas informações, relacionando as informações obtidas e debatendo-as.

e) Produção de cinema em sala de aula – para se produzir este tipo de filme é necessário utilizar elementos da linguagem cinematográfica tais como: roteiro, imagens, trilha sonora, edição, montagem, enfim.

As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível à produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna e lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. (MORAN, 1995, p.31)

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

12

A nova geração não se resigna mais a ser apenas espectadora, ela quer interagir, participar possuir um papel ativo, produzindo, criando. Propomos então ao professor a adoção da produção de cinema em sala de aula, criando vídeos de curta duração, possibilitando ao discente nessa modalidade abandonar sua posição de espectador, de ser um simples consumidor do mercado cinematográfico, e de destinatário do conhecimento emanado pelo docente para tornar-se um produtor, realizador e criador de produções inéditas, se tornando construtor do seu próprio conhecimento com a orientação do professor.

Na Escola Estadual Professor Gabriel de Almeida Café, essa é uma das modalidades adotadas pelos professores Alan Paixão (Geografia) e Josué Baía (História) ambos os professores do ensino médio integrado – EMI, cujo objetivo geral desta proposta é fazer uma interação entre a teoria e a prática, proporcionando dessa forma ao discente “uma metodologia inovadora onde os mesmos possam confrontar os conhecimentos teóricos absorvidos e produzidos na escola com a pesquisa in loco” realizada nos municípios do Amapá e de Ferreira Gomes.

Segundo o professor Alan Paixão “eles escutam muito falar sobre hidrelétrica, Ferreira Gomes, sobre serrado (...) agente fala muito pra eles, mostra imagens, uma coisa é isso na sala de aula outra coisa é levar eles in loco pra ver a situação”. Tornando dessa forma as aulas mais produtivas, visto que os alunos tornam-se mais participativos e questionadores, para os PCN’s “Retirar os alunos da sala de aula e proporcionar-lhes o contato ativo e crítico com as ruas, praças (...) constitui uma excelente oportunidade para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa” (1994, p. 27), sendo uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

O documentário produzido pelos discentes do 4º ano do EMI intitulado “Viagem ao Amapá” contou com a ajuda do Museu de Imagem e Som (MIS) que forneceu aulas aos alunos acerca da produção do filme, e ainda acompanhou alunos e professores nesta empreitada contribuindo significativamente para o resultado desta obra, com qualidade de som e imagem.

Na busca da dinamização no processo de ensino-aprendizagem adotou-se a produção de cinema em sala de aula, nesta modalidade os discentes se tornam produtores, planejam suas ações, pesquisam, resolvem os problemas que vão surgindo no decorrer da produção, debatem, levantam hipóteses, analisam ideias, escolhem os elementos que comporão sua obra tais como: músicas, entrevistas, imagens.

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

13

Ressaltamos que a fase de edição é essencial para o resultado final do filme. É esta fase que determinará o que efetivamente constituirá o vídeo, expressando a mensagem resultante da ação coletiva. Nesse sentido, a prática de atividades esquematizadas para o dia-a-dia na escola, desenvolve um aluno ativo no processo de ensino-aprendizagem, cooperando para a formação de um cidadão mais crítico diante das manipulações de informação. “Produzir em sala de aula é antes de tudo verificar como os alunos se veem e representam a si mesmos e de que forma recriam em imagens o seu mundo”. (COSTA; SANTANA, 2009, p.38)

Na Escola Estadual Professor de Almeida Café, os discentes apresentam o documentário produzido para a direção e coordenação da escola, são múltiplas as formas como essa produção pode ser apresentada, no entanto o professor deve estimular aquelas exposições que provoquem discussões, preferenciando a troca de conhecimentos e vivências, através de festivais para a comunidade, para os pais, para outras turmas e escolas, convidando especialistas nos temas selecionados para a produção do filme, buscando fazer o aluno meditar, aperfeiçoando a habilidade para argumentar. Estimular debates possui a mesma importância que a produção em si, uma vez que colabora para tornar o educando mais participativo na sociedade.

O “produto final” deverá ser avaliado pelos alunos, fazendo um paralelo do vídeo produzido com aquilo que se esperava produzir, assim como das distantes perspectivas que surgirão após o debate “é bem provável que, ao final de um debate sobre o filme, os alunos sintam a necessidade de voltar à etapa de edição e tentem dar outro ‘tratamento’ ao material bruto, inserindo ou cortando cenas que podem surgir a partir do material produzido” (COSTA, SANTANA, 2009, p. 43-44).

O resultado não é tão importante quanto o processo, pois será o processo que ficará registrado na memória do educando, para os professores Alan Paixão e Josué Baía o processo é “algo que fica para sempre eles vão poder lembrar, rever sempre essa situação” uma vez que “o documentário fica como um registro de parte da história deles enquanto alunos aqui, enquanto membros dessa escola”.

Esse método também possibilita o próprio professor construir seu acervo pedagógico, elaborando seu próprio material midiático. Realizando um vídeo que o permite focar somente naquilo que é interessante para sua aula. Inserindo imagens, sons, trechos de outros vídeos, construindo passo a passo um filme com sua marca pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância do estudo apresentado é própria de questões desafiadoras, visto que tudo que se refere à História, Cinema e Ensino sempre foram alvo de muitas especulações e discordâncias alicerçadas tanto por professores como por alunos. Através de nossas apreciações sobre as questões acima, parafraseamos Jairo Carvalho do Nascimento (2008), para o qual a linguagem cinematográfica ainda não foi devidamente compreendida tanto na perspectiva didática quanto na crítica histórica dentro da sala de aula, visto que são múltiplos problemas que vão desde a formação incompleta do professor até o despreparo da coordenação pedagógica, comprometendo assim a utilização desse recurso na educação.

Não obstante, observa-se o interesse e a vontade no emprego do recurso em sala de aula, o que nos sinaliza de forma mais urgente à necessidade de uma melhor preparação para o professor nesse sentido, ou seja, que as secretarias de educação dos estados e municípios se mobilizem para oferecer cursos de capacitação em mídias para seu quadro docente. Uma vez que a contínua atualização pedagógica do educador é um fator primordial para obter êxito na sua prática docente, pois inquestionavelmente vivemos em um tempo midiático que precisa ser estudado com mais afinco.

É também indispensável utilizar diferentes bibliografias e narrativas fílmicas acerca de um mesmo tema; instigar o estudo prévio dos elementos teóricos analíticos; evitar o subjetivismo; cruzar as interpretações e confrontar as diferentes discussões históricas. É preciso criar a interação entre o professor, os alunos e o filme exibido, o que também precisa envolver pesquisa, leitura crítica, debate e estratégias metodológicas, por tanto é necessário um planejamento cuidadoso das aulas em que os filmes serão utilizados.

Buscando contribuir com a formação continuada do professor, a pesquisa apresentou propostas e estratégias pedagógicas, com o intuito de auxiliar este profissional na utilização do Cinema no Ensino de História, possibilitando ao professor uma reflexão de sua prática docente face aos fundamentos epistemológicos, permitindo assim um diálogo entre teoria e prática. Vivemos um momento de crise ocasionada pela indefinição de conceitos e valores, que se refletem também na sala de aula, gerando muitas vezes a apatia de professores e alunos, assim sendo, é necessário desenvolver estratégia senão novas, contudo inovadoras e

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

15

ricas. Nesse contexto o cinema surge como recurso didático, permitindo o despertar da criticidade, da reflexão e, sobretudo o gosto pelo ensino de história.

BIBLIOGRAFIA

ABUD, Kátia Maria. **A construção de uma didática da história:** algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. São Paulo: UNESP, v. 22, n. 1, 2003.

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e sons:** a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 2001.

BENCINI, Roberta. Filme na aula de história: diversão ou hora de aprender? In: **Revista nova escola**, 182. ed. maio de 2005. Fundação Vitor Civita, Abril, p. 46-51.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

BITTENCOURT, CIRCE. “O saber histórico na sala de aula”. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2002.

BRASIL. Secretaria de educação média e tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio.** Ciências humanas e suas tecnologias. História/ Secretaria de educação média e tecnológica. Brasília, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular.** São Paulo: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura.** Rio de Janeiro: Estação Liberdade, 2001.

COSTA, Rafael Nogueira. SANTANA, Hélder Oliveira. **A produção de documentários no ambiente escolar.** Visões: Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria auxiliadora. Macaé, n.7, p.36-45, jul./dez. 2009.

FERRO, Marc. **Cinema e história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre a História.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.

MOCELLIN, Renato. **História e Cinema – educação para as mídias.** São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula.** Revista comunicação e educação. São Paulo, 1995.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula.** 5º ed. São Paulo: Contexto, 2011.

IX Semana de História

O Ensino e a Pesquisa de História no Amapá: Perspectivas e Desafios

16

VANOYE, Francis; GOLLOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas, as imagens, testemunhas da História. **Revista Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol.7, n. 13, 1994.